

A verdade na guerra e a sabotagem dos gasodutos Nord Stream

Em democracia, saber a verdade ligada à actuação dos governantes — e à forma como exercem o poder do Estado — não é uma mera questão abstracta e filosófica.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 9 de fevereiro de 2023

1. Nunca é de mais lembrar. A guerra é algo horrível e destrutivo como mostram, de forma inequívoca, as imagens desoladoras de imenso sofrimento humano e destruição material, que todos os dias nos chegam da Ucrânia. Numa guerra, ainda por cima numa guerra com a dimensão desta, com centenas de milhares de soldados mobilizados para combate de ambos os lados, há, todos os dias, inúmeras lutas existenciais de vida ou de morte, de maior ou menor dimensão.

Pelo que está em jogo, os beligerantes tendem a usar todos os meios ao seu alcance para vencer o conflito e para se preservarem a si próprios. Isso inclui, naturalmente, os meios militares (humanos e materiais) susceptíveis de serem mobilizados. Mas o combate decorre igualmente no domínio moral e da justiça, pois todo o ser humano é um ser moral.

Assim, é crucial a mobilização da opinião pública interna e também internacional, sobretudo quando se depende da ajuda externa para travar o conflito (é o caso da Ucrânia). Com a opinião pública a seu favor — e vendo como justa a guerra —, aumenta a vontade de combater e de suportar os enormes sacrifícios que impõe.

2. Por tudo o que está em causa, pelo facto extremo de ser uma luta existencial de vida ou de morte, a guerra tende a levar à desinformação e à ocultação da verdade. Coloca o ser humano numa dupla dificuldade. A primeira é a de ver a realidade com rigor e na sua complexidade, ou seja, a de ver objectivamente o que se passou. A segunda decorre de um delicado dilema ético. Ser fiel à verdade é um imperativo ético com o qual qualquer ser humano normalmente concorda. Todavia, em guerra, a verdade pode ter como consequência dar trunfos ao inimigo. Pode ainda abalar a convicção moral e a confiança nos próprios governantes, quando a verdade contradiz os princípios e os valores proclamados.

Como a história nos mostra com inúmeros exemplos, os beligerantes e os seus apoiantes mais activistas envolvem-se num combate para mostrar as “verdades da guerra” que o outro beligerante, o inimigo, esconde. Ao mesmo tempo, do seu lado, ocultam, evadem ou negam, o que pode mostrar fragilidades e ser comprometedor. O intuito é desmoralizar o inimigo e manter mobilizada a sua população e opinião pública. Como consequência, a exacta dimensão do número de mortos e feridos, as atrocidades cometidas sobre populações civis e as operações com intuito de lançar a culpa sobre a

outra parte (operações de falsa bandeira) são quase sempre situações extraordinariamente difíceis de verificar de forma neutral e objectiva.

3. No contexto da actual guerra entre a Rússia e a Ucrânia, um dos acontecimentos que mais evidenciam essas dificuldades é o da sabotagem dos gasodutos Nord Stream 1 e 2, ocorrida em finais de Setembro de 2022. A autoria das explosões nunca foi assumida por nenhum dos beligerantes e seus apoiantes, nem por qualquer outra entidade. Todavia, no Ocidente, a explicação dominante apontou para a autoria da Rússia nas explosões ocorridas nos gasodutos. Nessa explicação, a sabotagem russa era vista como um aviso ao Ocidente em que a Rússia mostrava as suas capacidades de retaliação e sinalizava que a guerra poderia alastrar aos gasodutos e outras infra-estruturas críticas, como cabos submarinos da Internet.

Quanto à Rússia, negou sempre tal acto, apontado o dedo aos ocidentais, em particular aos EUA. Não emergiu também qualquer prova factual que permitisse estabelecer, com elevado grau de certeza, quem foi o responsável. Seguiram-se várias investigações do lado ocidental procurando estabelecer a sua autoria. Em finais de 2022, o jornal norte-americano *The Washington Post* abordava novamente o assunto num artigo de investigação (“*No conclusive evidence Russia is behind Nord Stream attack*”, *Washington Post*, 21/12/2022). Nesse texto, afirmava-se não existirem, até essa altura, provas conclusivas de que a Rússia estivesse por detrás da sabotagem. A afirmação apoiava-se em declarações efectuadas por funcionários europeus ligados à investigação e tinha em conta avaliação efectuada por mais de duas dezenas de funcionários diplomáticos e dos serviços secretos de diversos países ocidentais.

Mais recentemente, a 8 de Fevereiro de 2023, o veterano jornalista de investigação norte-americano Seymour Hersh publicava no seu site na Internet, o Substack, um texto sob o título *How America Took Out The Nord Stream Pipeline*. Aguçando a curiosidade do leitor, escreveu em subtítulo: “O *New York Times* chamou-lhe ‘mistério’, mas os EUA executaram uma operação marítima secreta que foi mantida em segredo — até agora.” Lendo o texto, o que Seymour Hersh aí afirma é que a autoria da sabotagem dos gasodutos Nord Stream 1 e 2 é dos EUA, numa operação camuflada autorizada pelo Presidente Joe Biden, que teve também a colaboração da Noruega. Quanto ao Governo norte-americano, através de Adrienne Watson, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, negou tal autoria, classificando o texto de Seymour Hersh como sendo “totalmente falso e uma completa ficção”.

4. Em democracia, saber a verdade ligada à actuação dos governantes — e à forma como exercem o poder do Estado — não é uma mera questão abstracta e filosófica. Está no cerne dos valores de uma democracia liberal e pluralista. Por isso, qualquer cidadão pode contestar as declarações de quem exerce o poder político e mostrar a sua desconformidade com os factos. Esse papel cabe à sociedade em geral e, em particular, aos órgãos de informação.

Mas, em guerra, a questão é extraordinariamente difícil pelas duas razões já apontadas: a dificuldade em estabelecer os factos e o dilema moral de dizer uma verdade que

compromete a parte que apoiamos. Assim, face à incerteza do que se passou com os gasodutos Nord Stream, o primeiro impulso humano é transformá-la numa certeza conforme à nossa visão do mundo e de quem são os bons e os maus, numa lógica maniqueísta e sem *nuances* explicativas.

É um impulso grupal (tribal) que nos leva a pensar que verdade está do nosso lado (afinal, somos os bons); do outro lado estão os maus (pelo que aquilo que dizem é mentira). Esse impulso, o qual é intrínseco a todo o ser humano, é hoje extraordinariamente amplificado pelas redes sociais onde cada um diz, lê e se socializa, a grande maioria das vezes, só com aqueles que pensam como ele. Assim, quando confrontados com aquilo que não encaixa na nossa visão do mundo (e aquilo que damos como certo), a tendência é também recorrer aos chamados *argumentum ad hominem*, ou seja, a desenvolver uma crítica que não é dirigida a contestar, com factos e argumentos lógicos e substantivos, mas a criticar o autor através de ataques pessoais. No caso dos gasodutos, essa engrenagem impregna o espaço público.

Para os detractores de Seymour Hersh, este é um jornalista acabado e sem credibilidade por ultimamente ter caído nas teorias da conspiração. Retiram daí a conclusão (falaciosa) de que o que escreveu não tem qualquer fundamento nem veracidade. Quanto aos seus defensores, muitos também sem discutirem a substância do texto, usam o argumento de autoridade (Seymour Hersh foi galardoado com o Prémio Pulitzer atribuído a trabalhos de excelência na área do jornalismo). A ilação que retiram (também falaciosa) é a de que isso garante o rigor factual e a veracidade do texto. Mas como não são públicas as fontes e as provas a que Seymour Hersh terá tido acesso para escrever o artigo, é impossível tirarmos uma conclusão definitiva sobre se os EUA terão sido, ou não, os perpetradores da sabotagem.

Se este caso nos ensina alguma coisa é que estabelecer a verdade na guerra, mesmo em democracia, é uma tarefa extraordinariamente árdua e espinhosa.

<https://www.publico.pt/2023/02/09/mundo/analise/verdade-guerra-sabotagem-gasodutos-nordstream-2038267>